

Morfologia Urbana e a Segregação Social em Luanda

Urban morphology and social segregation in Luanda

Iasmin Favin Costalonga

Acadêmico, UNEMAT, Brasil
iasmin.costalonga@unemat.br

Debora Menezes de Lara

Acadêmico, UNEMAT, Brasil .
lara.menezes@unemat.br

Vinicius Gonçalves Belém

Acadêmico, UNEMAT, Brasil
vinicius.goncalves1@unemat.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a cidade de Luanda, no continente africano, e discutir sobre a sua morfologia e desigualdade socioespacial, em função da sua colonização e desenvolvimento. Em vista disso, foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas, nas bases de dados: Google Acadêmico, Scielo e periódicos de universidades. Deste modo, a partir dos estudos, foi possível demonstrar que o urbanismo da capital angolana passou por diversas etapas até a guerra civil pós-independência, onde ocorreu uma intensa migração de pessoas para a capital e, assim, um desenfreado e desorganizado crescimento do território urbano da província. Por consequência disso, percebeu-se a criação de bairros informais nas periferias, com pouca infraestrutura, sem acesso à qualidade de moradia e serviços públicos básicos. Além disso, apesar de serem criados instrumentos que deveriam permitir a requalificação destas áreas, como o Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda, estas medidas não são eficientes, portanto, Luanda ainda está longe de oferecer moradias adequadas para a população.

Palavras-Chave: Morfologia; Cidade angolana; Urbanismo do sul-global; Segregação socioespacial.

Abstract: *This article aims to analyse the city of Luanda, on the African continent, and discuss its morphology and socio-spatial inequality, due to the colonization and development. In view of this, it was carried out through bibliographical research, in the databases: Google Scholar, Scielo and university newspapers. In this way, from the studies, it was possible to demonstrate that the urbanization of the Angolan capital went through several stages until de post-independence civil war, where there was an intense migration of people to the capital, and then a fast and disorganized growth of the urban territory of the province. As a consequence of this, was possible to see the cration of informal areas on the outskirts, with little infrastructure, without access to quality life and basic public services. In assition, despise being created instruments that should allow the requalification of these areas, such as the General Metropolitan Master Plan of Luanda, these measures are not efficient, therefore, Luanda is still far from offering adequate dwelling dor the population.*

Keywords: *Morphology; Angola cities; Global South urbanism; Social segregation.*

1. INTRODUÇÃO

As cidades angolanas, agora, refletem claramente todas as dificuldades enfrentadas pelo poder político e pela sociedade civil na gestão do território, e retratam os diversos acontecimentos que moldaram, e ainda moldam, o território do país. Muitos países do Sul Global passaram por períodos de colonização que frequentemente resultaram na exploração de recursos naturais e no deslocamento de populações locais. As migrações são, ainda hoje, vistas como um dos fenômenos demográficos mais relevantes, pelas suas causas e consequências, em vista disso, essas migrações foram essenciais para o aumento da população nas cidades africanas (FARIA, 2016).

Desse modo, a urbanização em cidades dos países do Sul Global frequentemente ocorre sob condições de extrema desigualdade e segregação, onde o acesso à qualidade de vida adequada é, majoritariamente, da elite, enquanto as massas urbanas são levadas para a periferia (SANTOS, 1966). No caso das cidades angolanas, esse legado colonial pode ser visto nas estruturas urbanas e na distribuição desigual de recursos.

O presente trabalho tem como tema “Morfologia urbana e desigualdade socioespacial na cidade de Luanda, Angola”. O objetivo desta pesquisa é analisar os processos socioespaciais atuais da cidade de Luanda, Angola, visando demonstrar que cidades do continente africano, devido às particularidades em comum no processo de urbanização do sul-global, apresentam as mesmas desigualdades socioespaciais, levando as populações mais vulneráveis para as periferias — através da análise da morfologia urbana, a fim de compreender a estrutura urbana, identificar e avaliar o impacto de seu crescimento urbano.

A base central desta investigação enquadra-se no campo da arquitetura, urbanismo e dos princípios da morfologia urbana. Dada a natureza e o objetivo do trabalho, optamos por uma pesquisa descritiva fundamentada na análise bibliográfica e documental, bem como a análise interpretativa de diferentes unidades espaciais (estrutura social e forma física).

Por meio desta pesquisa, é fácil constatar, através da análise da cidade, que o crescimento populacional desenfreado que aconteceu em Luanda, além da tardia intervenção pública, contribuiu para que a estrutura física da cidade não conseguisse acolher a população local. Desta maneira, esta organização teve grande impacto espacial e socioeconômico na região, afetando não somente a distribuição monetária, desemprego, ocupação do solo, como também os serviços básicos oferecidos para a população, tal qual, moradia, saneamento, água, energia e mobilidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Luanda, capital de Angola, encontra-se na costa atlântica do norte do país, e é hoje o maior e mais importante centro urbano e econômico do país. Deste modo, a província é considerada a mais populosa do país, já que, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2021, possuía cerca de 9 milhões de habitantes, representando pouco mais de 26% da população angolana, entretanto, possui apenas 1,51% do território nacional, com cerca de 18.900 km².

Ademais, na sua maioria, residem no local membros dos grupos étnicos ambundos, congos e ovimbundos, existindo frações relevantes de todas as origens étnicas angolanas. Além de existir também uma população de origem europeia, constituída principalmente por portugueses. Por consequência disso, a língua mais falada na província é o português, que é a língua oficial do país, contudo, são faladas também várias línguas do grupo bantu, principalmente o kimbundu (ALEXANDRE, 2016). Ainda, Luanda se encontra em região de savana com clima tropical úmido, onde a flora é composta na maioria das vezes de erva, grama e capim, só com algumas árvores. Além disso, possui um relevo que, de modo simplista, pode ser dividido em 2 partes: a primeira, de baixa altitude

próxima ao nível do mar, seguindo para o interior num extenso planalto com cerca de 300 a 400 metros (GUIMARÃES, 2015).

A história de Angola e de Luanda, começam com a chegada dos portugueses à foz do Rio Zaire em 1482 e a Ilha de Luanda em 1575, sendo formalmente fundada por Paulo Dias de Novais em 25 de janeiro de 1576 com o nome de São Paulo de Luanda (ALEXANDRE, 2016). Já a história do urbanismo da cidade pode ser dividida em três fases, a primeira dando início no período de colonização, que teve origem muito semelhante ao restante das cidades portuguesas, com os padrões trazidos das suas cidades, tanto na escolha do local, forma de ocupação e traçado das ruas organizadas ao redor das dependências do porto, como mostrado na figura 1 (CORREIA, 2012).

Figura 1: Planta da cidade de São Paulo de Luanda, 1647.

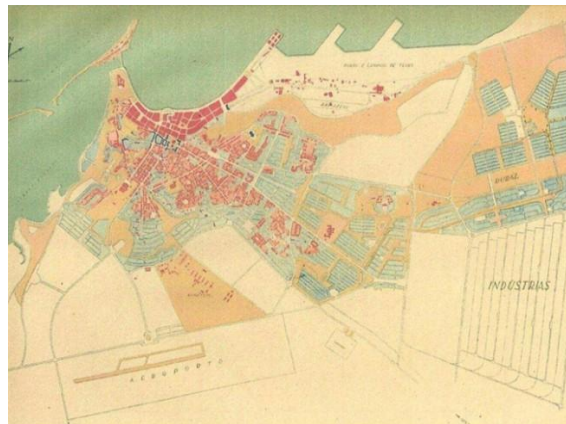


Fonte: Ensaio de Iconografias das cidades Portuguesas do Ultramar, Correia, 2012.

Desde a sua criação, a cidade de Luanda sempre teve um crescimento muito lento, isto se deve, principalmente, devido ao clima hostil para os colonos, e um solo estéril, semiárido, sem riquezas minerais, e sem potencialidades agrícolas, o que condenou a sua economia maioritariamente ao comércio de escravos, que partiam para o Brasil. Esta realidade manteve-se durante vários anos, até que se deu a independência do Brasil (1822), em seguida a abolição da escravatura, que obrigou uma mudança de paradigma, e se passasse a desenvolver outros sectores económicos, desenvolvendo assim a província (GUERRA, 2018).

Depois de quatro séculos de presença em território africano, no final do século XIX, Portugal decidiu reivindicar a soberania de territórios africanos, como Angola e Moçambique, junto das outras potências europeias, na chamada Conferência de Berlim em 1884, colocando Portugal frente-a-frente com vários conflitos (CORREIA, 2012). Em meados de 1930, deu-se início ao segundo período de grande desenvolvimento do território, por volta de 3 décadas houve um crescimento de aproximadamente 170 mil habitantes, números bastante significativos para a época. Diante disso, durante este período é perceptível um alinhamento mais ortogonal com ruas mais bem definidas respeitando o padrão parecido com o do urbanismo renascentista, como apresentado na figura 2 (GUERRA, 2018).

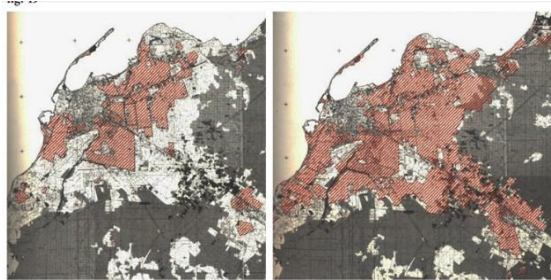
Figura 2: Planejamento da cidade de Luanda do Gabinete de Urbanização Colonial de 1949.



Fonte: Correia, 2012.

Por fim, logo após a declaração de independência, 1975, deu-se início a uma luta de poder entre dois ex-movimentos de guerrilha anticolonial, o comunista MPLA e a anticomunista UNITA. A guerra civil durou quase 30 anos, terminando em 2002. Dessa forma, deu-se início ao terceiro período de crescimento urbano, já que no decorrer destes anos, muitas pessoas dirigiram-se para as cidades de todo o país, principalmente Luanda, em busca de melhores condições de vida e segurança (ALEXANDRE, 2016). Assim, com a migração acelerada da população rural para a capital, a cidade experimentou um enorme crescimento populacional em um período relativamente curto. Sendo assim, uma cidade que foi projetada, inicialmente para 500 mil habitantes, hoje possui 9 milhões, por consequência disso, devido ao desenvolvimento urbano acelerado e desordenado, bairros informais, musseques, foram se expandindo e densificando sem quaisquer planos de ocupação ou intervenção pública, como pode se observar na figura 3 (CAFAU, 2022).

Figura 3: Desenvolvimento das áreas informais no entorno do centro urbano, 1986-2001.



Fonte: Guimarães, 2015.

3. MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos foi realizado um estudo de cunho qualitativo e descritivo com elaboração de revisão bibliográfica e documental, bem como a análise interpretativa. Tendo como meios de fundamentação as revistas científicas e acadêmicas, além de imagens de satélites, como base de dados foi consultado periódicos, Google Acadêmico e Scielo. Assim, reunindo e comparando os diferentes dados encontrados foi possível obter uma compreensão abrangente e aprofundada do tema em questão, permitindo a formulação de conclusões embasadas em evidências sólidas e contribuindo para o avanço do conhecimento na área do urbanismo nas cidades sul-globais.

4. RESULTADOS

4.1 Estudo das áreas

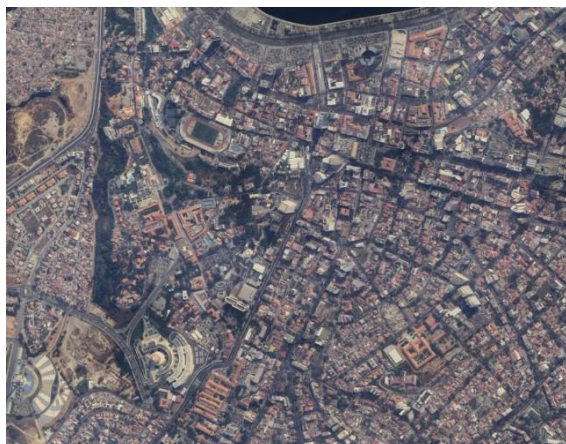
Souza (2000), argumenta que as políticas urbanas, o planejamento urbano e as decisões políticas têm um papel fundamental na criação e na manutenção da segregação, e muitas vezes essas políticas refletem interesses de grupos dominantes em detrimento das populações mais vulneráveis. Desse modo, vemos que as políticas do passado criaram áreas segregadas em Luanda com base na raça ou na etnia, e essas divisões persistiram ao longo do tempo. Essa segregação pode ser vista ao analisar diferentes bairros da cidade.

Foram realizados estudos sobre as áreas da cidade de Luanda, baseado em pesquisas bibliográficas e imagens de satélites obtidas pelo Google Earth. Foram analisados diferentes regiões e baseados em características em comum, como qualidade de construção, infraestrutura e traçado urbano, pode se dividir em alguns tipos de assentamentos.

4.1.1 Centros urbanos antigos

Foi desenvolvido durante o período colonial, na qual a infraestrutura existente vai de acordo com os modelos convencionais urbanos. Muitos dos edifícios encontram-se em estado deteriorado devido à fraca manutenção, o acelerado crescimento urbano e a grande procura originam uma oferta e distribuição inadequadas. Compõe-se do arranjo da arquitetura histórica moderna com atuais edifícios contemporâneos de grande porte, os quais vêm ocupando terrenos livres ou substituindo edifícios coloniais. Frequentemente são realizadas mudanças nas estruturas dos edifícios, visando a utilização dos espaços: elevação dos muros, construção de anexos, ocupação dos espaços vazios entre edifícios e entre casas, ampliação vertical das moradias, entre outras modificações, como por exemplo nas zonas de Mutamba (ver figura 4) e no Maculusso (localizado no Município da Ingombota) (BETTENCOURT, 2011).

Figura 4: Bairro de Mutamba, Luanda.



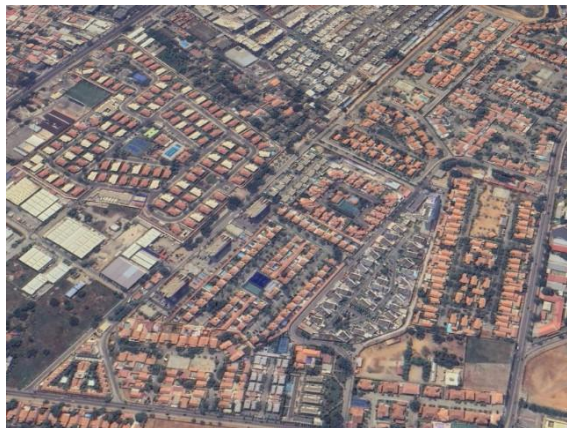
Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.2 Subúrbio urbanizados

Os subúrbios são áreas construídas após o fim da guerra civil em 2002 e são concebidos de acordo com um modelo urbano geral e equipados com infra estruturas básicas. Foi desenvolvido no âmbito de um projeto imobiliário de parceria público-privada e enquadra-se no investimento nacional de Angola em projetos de urbanização de novas áreas. Normalmente formam apartamentos fechados e são identificados como áreas residenciais unifamiliares e multifamiliares. A qualidade de construção é boa e acima da média em muitos casos. Isto aplica-se a condomínios localizados em Morro Bento

(figura 5), Talatona, Benfica, Cacuaco, Viana e Camama e destina-se a grupos de rendimentos médios e altos, bem como a grandes empresas nacionais e estrangeiras (BETTENCOURT, 2011).

Figura 5: Condomínios fechados de Morro Bento, Luanda.



Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.3 Bairros populares

Construído durante a era colonial, foram desenvolvidos através de programas públicos ou iniciativas privadas para fornecer habitação social a trabalhadores e pessoas com rendimentos baixos e médios. Originalmente, seguiram o modelo municipal sul-africano e eram áreas residenciais para a classe trabalhadora negra e famílias brancas pobres. Inicialmente as ruas eram regulares, as casas eram construídas horizontalmente e em grande escala, mas o nível de infraestrutura e serviços era baixo. As casas ainda são maioritariamente construídas em tijolo com revestimento de zinco e fibrocimento. Após a independência, não foram construídos mais bairros deste tipo e os bairros existentes atingiram um nível de densidade e degradação que se assemelha aos musseques informais de hoje. Exemplos incluem as áreas populares de Kilamba Kiaxi, São Paulo, Marsala e Rangel (figura 6) (CAFUA, 2022; BETTENCOURT, 2011).

Figura 6: Bairro Rangel, Luanda.



Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.4 Zonas de habitação social

Possuem construções mais recentes, com padrão de arruamento mais alinhados, como vistos na figura 7 e concentram-se nos limites da área de expansão urbana. Exemplos destes bairros são Cacuaco, Zango, Viana e Panguila (CAFUA, 2022).

Figura 7: Bairro Kilamba Kiaxi, Luanda.

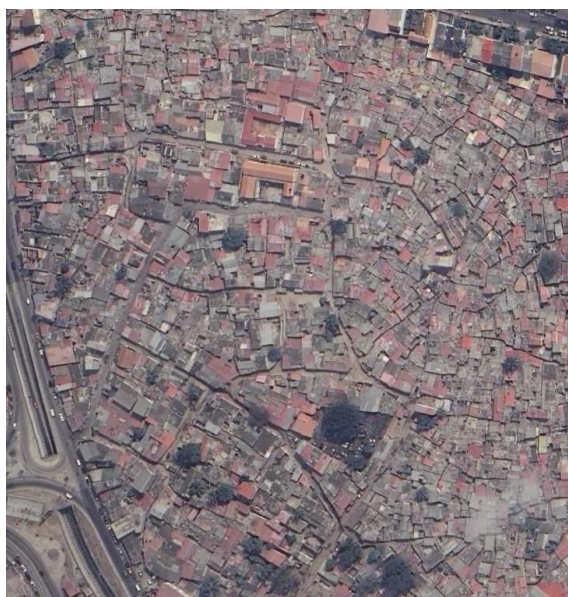


Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.5 Musseques de transição

Surgiram no centro urbano de Luanda, como o Bairro Operário e Catambor (ver figura 8). Englobam-se neste conjunto os musseques, localizados dentro da cidade formal perto dos empregos urbanos, mercados e dos serviços públicos, mas que já não têm capacidade de expansão pela sua posição geográfica e urbana. Estes assentamentos existem desde antes da independência, e têm vindo a atingir níveis de densificação cada vez mais elevados, tendo começado a crescer na vertical. Os terrenos onde estão localizados possuem valores elevados no mercado informal do solo, o que acaba levando determinadas famílias a vender as suas propriedades e se instalarem na periferia urbana onde as terras são mais baratas. O tecido urbano atual, super densificado e complexo, desenha passagens muito estreitas e parcelas irregulares que dificultam o acesso de carros e aos serviços urbanos, disponíveis nos bairros vizinhos. A localização destas áreas de transição bem como o valor do solo, constituem uma oportunidade para atrair investimentos privados com vista à sua qualificação, ainda que lenta (BETTENCOURT, 2011).

Figura 8: Bairro de Catambor, Luanda.



Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.6 Musseques ordenados

Estes bairros foram criados por moradores na década de 80. Existe uma rede de estradas e uma variedade de estruturas habitacionais com diferentes níveis de manutenção, como Palanca (ver figura 9) e Mabor. Estes bairros são frequentemente desenvolvidos como extensões de bairros populares ou áreas formais de planeamento urbano. Portanto, geralmente segue o traçado das estradas e corredores de serviço. Há também esperança entre os residentes de que os serviços públicos e as infraestruturas possam ser expandidos nestas áreas, criando condições para melhorias e transformando-as em distritos menores e ordenados. Como ainda existem muitas casas da era colonial, o mecanismo de acesso a estas casas é geralmente a compra formal, com menor incidência do mercado informal de arrendamento. A segurança de posse da propriedade é superior aos restantes musseques, o que leva a que os residentes investem no melhoramento das suas construções de origem formal. As taxas de pobreza são menos elevadas, as casas são feitas de blocos de cimento ou tijolos, os telhados são feitos de zinco ou fibrocimento e há uma média de 6 a 7 pessoas por agregado familiar. Não possuem infraestruturas ou são inadequadas e estão clandestinamente ligadas a redes de água e eletricidade (BETTENCOURT, 2011; VASCONCELOS, 2022).

Figura 9: Bairro da Palanca, Luanda.



Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.7 Musseques antigos

Os musseques antigos correspondem a aproximadamente 32% da população de Luanda. Desenvolveram-se em zonas de terra batida há mais de 30 anos, com arruamentos sem drenagem nem utilizáveis por transportes públicos. Não apresentam infra-estruturas básicas eficientes e o padrão de construção é precário. Estes musseques resultam do crescimento dos assentamentos da população nativa, no tempo colonial, e foram crescendo ao mesmo tempo que a cidade formal. Na época da independência, essas estruturas eram consideravelmente grandes e continuaram a expandir-se para as áreas livres disponíveis. O preenchimento foi tão grande que chegou a atingir a fronteira da cidade formal, chegando a se misturar. O agregado familiar é muito extenso, existe um fluxo muito grande de imigrantes e elevada intenção de mudar por parte das famílias residentes. É o caso do bairro Sagrada Esperança e do Cazenga (BETTENCOURT, 2011, VASCONCELOS ANDRÉ).

4.1.8 Musseques periféricos

Durante a guerra civil, surgiram musseques periféricos em Luanda (figura 10) para acomodar pessoas que fugiam da guerra de outras regiões, principalmente zonas rurais. Estes terrenos de baixo valor estão localizados longe das cidades, dos serviços básicos e das oportunidades de emprego, forçando os residentes a pagarem preços exorbitantes pela água e pelos transportes. A sobrevivência nesse

setor depende dos mercados informais. Possui maior densidade, mas oferece valores mais baixos que outros tipos. São bairros consideravelmente novos, habitados por pessoas de rendimentos extremamente baixos, sem planos, estradas definidas ou infraestruturas básicas. Os padrões de construção são inconstantes e os materiais temporários melhoram à medida que os rendimentos aumentam. Os residentes tentam controlar o congestionamento para liberar espaço nas estradas em antecipação aos serviços futuros. Os exemplos incluem musseques localizados nas regiões de Cacuaco, Viana e Qamam (BETTENCOURT, 2011; VASCONCELOS, 2022).

Figura 10: Zona periférica de Luanda.

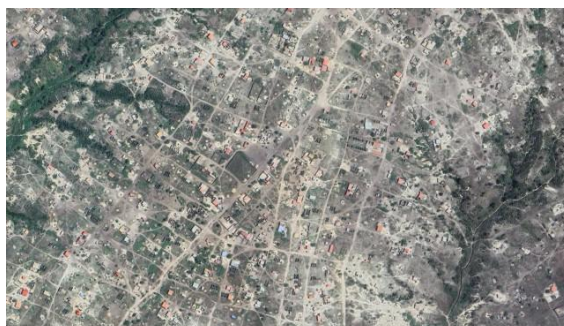


Fonte: Google Earth, 2023.

4.1.9 Assentamento rural

Estão fora dos limites da cidade, mas ainda na região de Luanda. Os tipos de trabalho estão localizados em áreas rurais, fazendas e propriedades relacionadas à agricultura profissional e natural. Têm baixa densidade populacional, como mostrado na figura 11, e não beneficiam de qualquer tipo de infra-estrutura básica. A maior concentração fica em torno do município de Cacuaco. É um assentamento rural e área agrícola escassamente povoada, localizado na cintura verde da província de Luanda (CAFUA, 2022; BETTENCOURT, 2011).

Figura 11: Zona rural de Luanda.



Fonte: Google Earth, 2023.

4.2 Morfologia

A segregação socioespacial é um fenômeno comum em muitas cidades ao redor do mundo, e Luanda não é exceção. Esse fenômeno muitas vezes está ligado a questões históricas, políticas, econômicas e sociais que moldaram a estrutura das cidades e as relações entre diferentes grupos da população (NEGRI, 2008).

Podemos considerar que:

Luanda foi uma cidade de crescimento descontínuo, ao sabor das crises políticas de Portugal, do Brasil e das suas próprias e onde a organização do espaço nunca foi efetivamente uma preocupação para as autoridades municipais. Não houve nenhuma estratégia de desenvolvimento planejado. (...) Os problemas foram-se acumulando à medida que a população crescia. Luanda tornou-se, por isso, uma cidade desordenada e talvez desgovernada” (MARTINS I., 2005, pp. 56–61).

A cidade de Luanda tem duas áreas importantes, influenciadas principalmente pela topografia da área: a cidade alta e a cidade baixa. Segundo Henriques (2017), atualmente a antiga Cidade Baixa é a mais antiga zona histórica consolidada de Luanda, ocupada por construções com características coloniais e outras edificações com valor patrimonial cultural. Na cidade alta estão os departamentos administrativos, militares e religiosos, e na cidade baixa estão a maioria das áreas comerciais e residenciais.

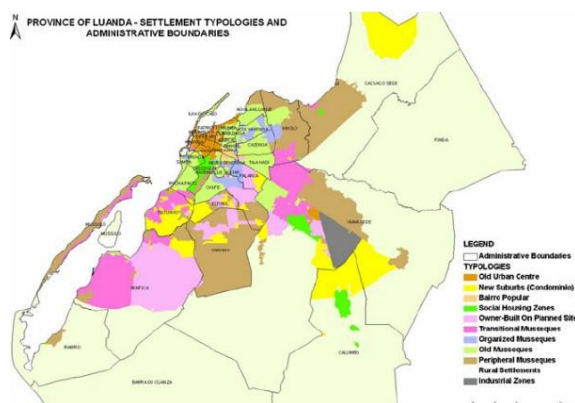
O tecido urbano que Luanda adquiriu é fruto de um longo período de ocupação (figura 12). A expansão desregulada e descontrolada da estrutura urbana de Luanda tem resultado numa densidade urbana desigual e num traçado urbano descontínuo e orgânico. A ocupação de terrenos (ver figura 13) tem dificultado e inviabilizando a implementação de planos de urbanização, assim, existem múltiplos sistemas urbanos numa mesma cidade, não necessariamente interligados, em que cada um desses responde às necessidades daquilo que foram as premissas do seu aparecimento.

Figura 12: Limite territorial de Luanda e traçado urbano geral.



Fonte: Style Maps, modificado pelos autores.

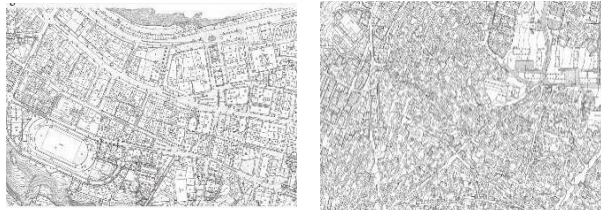
Figura 13: Tipologia de assentamentos urbanos em Luanda.



Fonte: Allan Cain, 2014 (DW-Angola).

A fragmentação urbana muitas vezes leva à criação de áreas segregadas, com disparidades sociais significativas. Como mostrado na figura 14, a Luanda possui áreas com menor densidade populacional, principalmente no centro urbano antigo. No entanto, enfrenta desafios relacionados à morfologia de bairros populosos e informalmente construídos. Essas áreas são densamente povoadas e carecem frequentemente de infraestrutura adequada. Segundo Bettencourt, em 2011, a cidade de Luanda tinha cerca de 6 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 4 milhões viviam em áreas informais, carentes de infraestruturas e de condições mínimas de habitabilidade.

Figura 14: Detalhes da malha urbana da baixa cidade à esquerda e o município de Samba à direita.



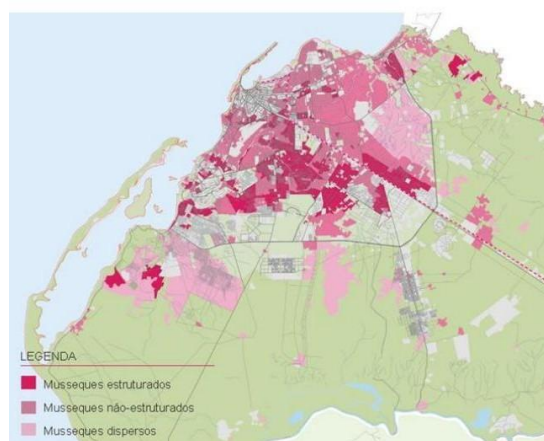
Fonte: Cartografia 1989, Guimarães, 2015.

Ao analisar a imagem podemos perceber que:

Quem sobrevoar a cidade quadricentenária, ou observar sua planta, desde logo ficara impressionado pelo contraste entre uma área urbanizada, de ruas traçadas regularmente e casas ordenadas, onde se multiplicam os sinais de modernização, a cidade, e a vasta auréola que a rodeia, notável pela ausência de qualquer organização urbanística, antes marcadas pelas aglomerações caóticas de cubatas dos musseques” (AMARAL,1983, p. 296).

Conforme o PDGML (Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda, 2015), a maioria das regiões residenciais da província é constituída por aglomerados habitacionais informais conhecidos como musseques, que se localizam nas áreas periféricas da cidade. Esses musseques podem apresentar diferentes formas de organização, como estruturada, não estruturada, ou uma mistura de características rurais e urbanas (ver figura 15). Essas áreas abrigam a grande maioria da população, mas enfrenta sérios problemas, como a falta de infraestrutura básica e amenidades sociais. A insegurança e a superlotação são comuns nesses bairros, evidenciando a segregação social no tecido urbano da cidade. As áreas informais são, frequentemente, isoladas das áreas mais desenvolvidas e a falta de transportes públicos acessíveis limita o acesso de grupos marginalizados a oportunidades na cidade. O atual sistema viário de Luanda é bastante precário, e a infraestrutura viária está concentrada no centro da cidade, refletindo a hierarquização e marginalização das quadras urbanas, o que não permite a existência de um sistema de transportes eficiente (GUIMARÃES, 2015).

Figura 15: Musseques de Luanda — Expansão.



Fonte: PDGML, 2015.

A persistente diferença socioeconômica nas regiões do Sul Global é um fator crucial para a discriminação urbana destes lugares. Luanda é caracterizada por elevados níveis de desigualdade social e grandes disparidades no rendimento anual. Existem dois extremos, uma classe minoritária com rendimentos muito elevados e uma maioria da população em rápido crescimento, grande parte da qual se encontra numa situação de “carência”, abaixo do limiar da pobreza. Entre estes dois extremos de classe social está um grupo pertencente à classe média e um grupo muito maior pertencente ao grupo de rendimentos mais baixos. As classes alta e média vivem em áreas urbanas específicas de cidades formais e de nova expansão urbana, e misturam-se com alguns grupos pobres e de baixos rendimentos. Mais da metade da população de Luanda, as duas classes mais baixas, vive em áreas informais consideradas não urbanas, ou em bairros desenvolvidos pelo governo durante a realocização para liberalizar os musseques do setor formal e os urbanizar (BETTENCOURT, 2011).

Entre 1930 e 1960, a estrutura urbana de Luanda foi dividida em Cidade Branca e Cidade Africana. As cidades brancas têm prioridade nos centros e funções administrativas, no tráfego comercial mais importante e na infraestrutura urbana. A cidade africana, composta por musseques, sem estradas pavimentadas nem infraestruturas, era um refúgio para os pobres. Essa separação ocorreu, conferindo à cidade uma dualidade, à luz das dinâmicas e transformações socioespaciais que a cidade vivenciou nesse período. Dessa forma, as razões que afetam esta dualidade incluem o êxodo rural, as migrações excessivas e a consequente falta de espaços verdes e equipamentos urbanos, ou seja, a falta de elementos essenciais de organização espacial que acompanhem o seu crescimento (ANDRÉ; LUZ; 2021, p.4).

Temos discutido, ao longo do trabalho, que Luanda é uma província com muitos bairros desordenados e com populações economicamente vulneráveis. A insuficiência e a tardia implementação de políticas públicas para a orientação do processo de expansão territorial contribuíram para a rápida e contínua expansão territorial e, por consequência, a criação de bairros informais.

Foi possível constatar, através da análise morfológica e histórica da cidade, que o desenvolvimento do território e a organização social de Luanda estão intimamente correlacionadas com a segregação socioespacial da província. Essa organização teve grandes impactos nas relações de trabalho, ocupação de solo, distribuição monetária entre a população e na mobilidade e acessos a serviços por parte dos moradores afetados negativamente. Os assentamentos informais, por mais adaptativos e flexíveis que sejam, não oferecem o básico para o bem-estar das famílias, como acesso à água, sistema de esgoto, energia ou mesmo iluminação adequada.

Foram implementados instrumentos que preveem a regeneração urbana da cidade, como o caso do PDGML, programa que estabelece a criação de postos de emprego, construção de mais de 1,4 milhões de novas habitações e a readequação de moradias já existentes (Alberto, 2021). Contudo, apesar do crescimento econômico de Angola, e mesmo após o anúncio de instrumentos e investimentos para tal, não foram feitas ações concretas para a melhoria da situação existente. A carência generalizada de infraestrutura é vista em todo o território.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia de Luanda, é um reflexo da sua história, por conta dos vários tipos de influência de outras culturas que veio adquirindo ao longo do tempo fazendo a ter uma rica herança cultural. Com isso traz um desafio para se tornar mais inclusiva e com uma qualidade de vida melhor para seus habitantes e combater a desigualdade social e o crescimento desordenado que não ocorre só em Luanda, mas em várias cidades africanas.

A cidade, assim como outros exemplos sul-global, possui condições de extrema desigualdade, em virtude disso, ao analisá-la, é fácil constatar que a segregação teve grande influência em sua organização de bairros e na distribuição desigual de recursos. A desigualdade no desenvolvimento espacial e socioeconômico, em Luanda, reflete-se não só na distribuição geográfica dos grupos étnicos, mas também na disponibilidade de serviços públicos, infraestruturas básicas e qualidade de vida, evidenciando a desigualdade socioeconômica que persiste na cidade.

Após a pesquisa e ao analisar os dados foi possível chegar às seguintes conclusões:

- A malha urbana de Luanda está longe de ser totalmente organizada;
- Sua mobilidade urbana é bastante reduzida, por conta de estruturas habitacionais irregulares e a falta de organização do governo para combater este problema iminente;
- Falta de saneamento básico que acaba poluindo a imagem visual;
- A falta de arborização nas ruas e bairros e áreas de lazer para os habitantes;
- Uma grande desigualdade econômica, embora seja uma cidade rica;
- Cidade com uma situação precária de morabilidade;
- Falta de planejamento urbano, que é facilmente perceptível;
- Com moradias irregulares traz consigo a falta de segurança dos moradores e dos turistas da cidade;
- Moradias irregulares acabam causando um descarte de lixo e resíduos de forma inapropriada.

Afinal, o futuro de Luanda ainda é incerto, já que mesmo as políticas públicas implementadas pelo Estado, para minimizar os problemas presentes na cidade, têm-se provado ineficientes, já que o montante de serviço excede o disponível pelo governo. Portanto, propomos que se possa acontecer um planejamento futuro da cidade onde os governantes e a população entrem em acordo para que possam fazer melhorias significativas nos bairros, assim, será possível atender a necessidade da população da cidade, para torná-la mais harmoniosa. Com isso, evitará a recorrência de novos bairros periféricos e crescimento desordenado da malha urbana, assim evitando um traçado irregular da cidade

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a três fontes fundamentais de inspiração e orientação para esse artigo: Deus, o nosso Professor Dr. Erick Santana de Mello e a UNEMAT.

Primeiramente queremos expressar nossa gratidão a Deus. Acreditamos que todas as realizações são possíveis pela Sua graça e orientação. A cada passo deste trabalho sentimos Sua presença, dando-nos força e inspiração para enfrentarmos os obstáculos. Agradecemos a Deus por nos abençoar com a oportunidade de estudar e aprender, e por nos guiar no caminho do conhecimento.

Em segundo lugar, o nosso querido Professor Dr. Erick que durante todo o processo de pesquisa e redação deste artigo, demonstrou uma paciência infinita e uma capacidade notável de explicar conceitos complexos de maneira acessível. Suas sugestões construtivas foram fundamentais para a melhoria deste trabalho.

Em resumo, gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão ao Professor Dr. Erick por ser um educador notável e por enriquecer nossa experiência acadêmica de maneira inestimável. Seu legado de excelência continuará a inspirar não apenas a nós, mas a todas as futuras gerações de alunos que têm a sorte de cruzar seu caminho.

Agradecemos à UNEMAT por seu compromisso inabalável com a excelência acadêmica, sua dedicação à pesquisa e seu apoio aos estudantes. Foi aqui que encontramos um ambiente intelectualmente estimulante, onde pudemos explorar ideias, e aprofundar nosso entendimento sobre o assunto abordado neste artigo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Nzizi Nunes. *Os Bairros Informais Críticos em Luanda. Análise ao processo de produção. O caso do bairro Chendovava*. Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente e Departamento de Geografia e Planeamento Regional. 2021.
- ALEXANDRE, Luís Herlander. *Luanda, da arquitetura vernacular ao séc. XXI: Uma tipologia de habitação para Luanda*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias — Departamento de Arquitetura, 2016.
- AMARAL, Ilídio. *Luanda e os seus "muceques", problemas de Geografia Urbana. Finisterra*, v. 18, n. 36, 1983.
- BETTENCOURT, Andrea Carina de Almeida. *Qualificação e reabilitação de áreas urbanas críticas. Os musseques de Luanda*. 2011. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitectura de Lisboa.
- CAFUA, Carla Marisa Ganga. *Análise das características principais das cidades de 15 minutos. Caso de Estudo: Cidade de Luanda*. 2022.
- CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida et al. *O patrimônio do movimento moderno em Luanda (1950-1975)*. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- FARIA, José Edmir Gonçalves de et al. *Qualificação do espaço público informal em Luanda, Angola*. 2016. Dissertação de Mestrado.
- FLORA, Yara Adjany. *BAIRRO DAS INGOMBOTAS, EM LUANDA: HERANÇA URBANÍSTICA E ARQUITETÓNICA*. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2018.
- GUERRA, Isabel. *O Bairro Prenda em Luanda: resiliência social ou resiliência urbana?. Optimistic Suburbia*, p. 87-105, 2018.
- GUIMARÃES, Gonçalo de Albuquerque. *Luanda: A Metrópole do Século XXI?*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade do Porto (Portugal).
- HENRIQUES, Diogo Miguel Palminha. *Entre o formal e o Informal. Bairro do Chabá como regenerador de tecido urbano*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2017. Tese de mestrado.
- MARTINS, I. *A evolução de Luanda: uma capital imperfeita*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2005.
- NEGRI, Silvio Moisés. *Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. Coletânea Nosso Tempo*, Rondonópolis, 2008.
- PDGML. (2015). *Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda*. Luanda: Governo Provincial de Luanda, 2015.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1966.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. 2000.
- VASCONCELOS ANDRÉ, Aurea Bianca; SANTANA LUZ, Vera. *O fenômeno das zungueiras, a segregação urbana e a consolidação dos musseques em Luanda, Angola. Labor & Engenho*, v. 16, 2022.